LUIZ
FRANCISCO
REBELLO

TEATRO

★

O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 e 47
O DIA SEGUINTE
ALGUÉM TERÁ DE MORRER

LUIZ FRANCISCO REBELLO

primeiro volume de

TEATRO

o mundo começou às 5 e 47
o dia seguinte
alguém terá de morrer

O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 e 47

fábula em um acto

PERSONAGENS :

O AUTOR
O 1.º HOMEM DE «SMOKING»
O HOMEM VESTIDO DE PRETO
ZERO
O 2.º HOMEM DE «SMOKING»
A MULHER DAS JÓIAS
O 1.º HOMEM
A ESPECTADORA

para Eduardo Scarlatti e
Rui Feijó e para
os meus companheiros
do «Estúdio do Salitre»

Ouvem-se as clássicas três pancadas e, antes de o pano se abrir, aparece à frente O AUTOR (1) — *que, dando mostras de um grande embaraço, diz para o público:*

O AUTOR: Senhoras e senhores... Por motivos imprevistos e absolutamente estranhos à nossa vontade, esta peça não poderá hoje ser representada tal como foi concebida e escrita. O público tem, no entanto,

---

(1) *Esta personagem poderá ser substituída por um* Director de Cena, *devendo nesse caso todas as frases pronunciadas na primeira pessoa ser transpostas para a terceira pessoa, referida, evidentemente, ao Autor.*

direito a uma explicação. Foi agora mesmo recebida, por telefone, a notícia de que a actriz encarregada do papel de «Primeira Mulher» — precisamente um dos mais importantes da peça — adoeceu de repente, sendo-lhe pois impossível tomar parte no espectáculo. Na impossibilidade manifesta de ser substituída à última hora, confesso francamente que, entre adiar a estreia da peça e representá-la sem a cena final em que essa actriz intervinha, optei por esta última solução. Desculpem-me aqueles que porventura não concordarem... E fique entendido que o que ides ver, senhoras e senhores, não é, portanto, a peça tal como foi pensada, escrita e ensaiada — mas sim tal como as circunstâncias — quero dizer, a vida — a escreveram... (*Diz isto, inclina-se numa vénia, e desaparece atrás da cortina. Lá atrás, ouve-se ainda a sua voz que dá uma ordem:*) Batam outra vez as três pancadas.

(*As três pancadas de novo, e eis que enfim o pano se abre.*
Não há cenário algum. Apenas três cadeiras alinhadas, ao fundo, e outra, isolada, à extrema esquerda. Lados, os do público.
Em cena, um HOMEM *rigorosamente vestido* DE PRETO, *sentado na cadeira da esquerda — mãos nos bolsos, imóvel. Sobretudo preto, «cache-col» preto enrolado à volta do pescoço, com uma das pontas negligentemente atirada para trás. Meia-máscara de*

oleado branco, a que um foco azul, incidindo sobre ela, dá um aspecto de porcelana. Em certos momentos do diálogo que, mais adiante, será travado, desviará para as personagens em cena um sorriso de superioridade trocista: a fria superioridade irónica de quem confronta os projectos dos homens com o seu ulterior destino, que já conhece.

Um HOMEM GORDO DE «SMOKING» *passeia agitada e nervosamente de um para outro lado da cena, em largos movimentos, visìvelmente impaciente. Simulará tirar de uma algibeira do colete um relógio imaginário, que consultará repetidas vezes. Todos os seus movimentos são bruscos, sacudidos, dir-se-ia que mecânicos.)*

O HOMEM DE «SMOKING»: Francamente... Não compreendo... Mais de meia hora de atrazo!... E daqui a nada é dia!... (*Grita para fora:*) Zero! Zero! Onde se terá metido este diabo?! Zero!

(*A personagem a que se chamou* ZERO *aparece à direita: é o criado — humilde, submisso, como o próprio nome indica. Caminha curvado, como se levasse sobre os ombros um peso de muitos séculos.*)

ZERO: Senhor?...

O HOMEM DE «SMOKING» (*furioso, e enquanto, num movimento quase automático, trepa à cadeira do centro de onde, arrogante, lhe dá ordens*): Idiota!